

Entrevista com Lúcia Granja

Interview with Lúcia Granja

Autoria: Tatiane Felipe Santana Bovolato

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7394-0736>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4223417548469515>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.206669>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/206669>

Recebido em: 11/01/2023. Aprovado em: 11/04/2023.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 12, n. 22, jan.-jun., 2023.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: opiniaes@usp.br

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

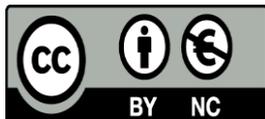
 [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

Como citar (ABNT)

BOVOLATO, Tatiane Felipe Santana. Entrevista com Lúcia Granja. *Opiniões*, São Paulo, n. 22, pp. 309-316, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.206669>. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/206669>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

entrevista com lúcia granja

Interview with Lúcia Granja

Tatiane Felipe Santana Bovolato¹

Universidade de São Paulo – USP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.206669>

¹Possui graduação em Letras, especialização em Literatura e atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). E-mail: tatienebovolato@usp.br/tati.fesantana@gmail.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7394-0736>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4223417548469515>.

Resumo

A professora Lúcia Granja nesta entrevista relata sobre seu trabalho de crítica e pesquisadora histórica das crônicas de Machado de Assis. Compartilha sua longa trajetória dos estudos machadianos, os desafios das pesquisas ao longo dos anos e seu parecer em relação a novas pesquisas.

Palavras-chave

Machado de Assis. Crônica. Pesquisa. Entrevista.

Abstract

Professor Lúcia Granja in this interview reports on her work as a critic and historical researcher of Machado de Assis' chronicles. She shares her long trajectory of Machado studies, the challenges of research over the years and her opinion regarding new research.

Keywords

Machado de Assis. Chronicle. Research. Interview.

introdução

Lúcia Granja é professora de Literatura e Cultura Brasileiras na Universidade de Campinas e uma das principais críticas machadianas da atualidade. Há 35 anos dedica-se às pesquisas dos escritos de Machado de Assis e especializou-se nos estudos das crônicas e nas relações entre literatura e jornalismo na obra do autor. Essas pesquisas têm colaborado para outros estudos promissores que fortalecem a ênfase às leituras ficcionais de Machado, além de fomentar o conhecimento sobre trabalho de jornalista do autor.

Desta forma, Lúcia Granja tem contribuído de modo ímpar tanto aos estudos da obra de Machado quanto para os estudos da crônica no Brasil. Dentre seus trabalhos, pode-se destacar três: *Machado de Assis: escritor em formação (À roda dos jornais)*, de 2000, dedicado aos estudos iniciais do escritor como jornalista; a organização, introdução e notas de *Notas Semanais* que reúne as notas machadianas escritas para o jornal *O Cruzeiro*, cuja pesquisa minuciosa foi elaborada em parceria com o professor e pesquisador John Gledson e lançada em 2008; por fim, o livro *Machado de Assis - antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção*, de 2018, onde propõe um novo olhar acerca da escrita literária do jornalista. Atualmente a professora trabalha a respeito da história do livro e edição no Brasil e as relações com a França, sobretudo na história dos livreiros e editores Garnier.

Na entrevista a seguir, feita de modo remoto por teleconferência, a professora compartilha o início de sua carreira como pesquisadora, as dificuldades e descobertas das pesquisas nos anos 80, o interesse nas crônicas machadianas e sua atração pelas leituras do jornalista Machado de Assis.

Tatiane Bovolato (TB) — Há 35 anos você estuda Machado de Assis. Como iniciou este interesse sobre o Machado jornalista?

Lúcia Granja — Quando eu era estudante de graduação na Unicamp, John Gledson tinha começado a estudar as crônicas de Machado de Assis. Na Inglaterra, há uma tradição de se fazer isso - edição e estudo de escritores que escreveram periódicos desde o século XVIII. Ele [no caso, John Gledson], que é um brasilianista importante, tinha feito um doutorado em Carlos Drummond de Andrade no início dos anos 70 no Brasil e veio a conhecer a obra de Machado de Assis.

Evidentemente, percebeu que as crônicas eram o tipo de texto menos estudado na produção machadiana na época. Efetivamente, pouquíssimas pessoas tinham feito trabalhos sobre as crônicas; simplesmente não havia edições críticas com notas. Existia uma edição muito rudimentar ainda que Magalhães Júnior havia feito muitos anos antes que se chamava “Diálogos e reflexões de um relojoeiro” (que se encontra na série “Bons dias!”), mas não havia nenhum tipo de edição com notas mais exaustivas, com estabelecimento de texto, com introdução crítica.

Nos anos 80, John Gledson se aproximou da Unicamp pela via de Roberto Schwarz, que era professor no IEL-UNICAMP. Antes que eu ingressasse no mestrado, Roberto Schwarz veiculava que as crônicas precisavam ser estudadas. Tive uma professora, à época, de teoria da narrativa, Vera Chalmers, que veio a ser

minha orientadora depois e que havia estudado o jornalismo de Oswald de Andrade, que montou um projeto de iniciação científica coletiva que, à época, era bem inovador! Tínhamos que fazer um banco de dados para explicar a situação de todas as crônicas. Imagine um banco de dados nos anos 80! Rudimentar! Mas me deu uma ideia geral das crônicas machadianas. Toda aquela mídia envelheceu muito rapidamente. Importante aqui é acentuar que, quando começamos um trabalho de pesquisa, tem uma série de ideias e acontecimentos que confluem para esse trabalho.

TB — Você também estuda as relações entre literatura, jornalismo, ficção e história na obra de Machado. O que mais te encanta sobre o autor quando começa a desenvolver tais relações?

Lúcia Granja — O que mais me encantou ao longo do tempo foi o que tenho chamado de “estranha atualidade” nas crônicas de Machado de Assis. Quando observamos as análises que ele faz das situações, vemos que a leitura machadiana dos fatos atinge em profundidade a sociedade brasileira. A crônica, que é um gênero que a princípio deveria se desatualizar com a passagem do tempo, pensando em Antonio Candido – quando diz que a crônica já guarda no próprio nome uma relação com *chronos*, que é o tempo – no caso de Machado parece que se torna cada vez mais atual. Isso com certeza tem a ver com a leitura que ele faz da sociedade brasileira da época em um extrato mais profundo que um simples comentário da semana. Acredito que esse seja o fator que mais me encanta nas crônicas machadianas.

TB — Apesar do nome de Machado de Assis ter certa visibilidade por conta dos romances, acredita que as crônicas ainda são pouco valorizadas ou reconhecidas?

Lúcia Granja — Nos últimos anos, tem me espantado a quantidade de trabalho e de pessoas interessadas em estudar as crônicas. Acho que houve um enorme crescimento do interesse e isso se deu porque houve uma modificação nas condições de acesso desses textos.

Quando comecei a estudar as crônicas de Machado de Assis nos anos 80, só existiam os jornais em papéis. Tínhamos que ir até à Biblioteca Nacional se quiséssemos observar as crônicas no ambiente delas. Existiam as edições da Jackson, que era o de mais completo que existia a respeito de Machado de Assis. O fato é que nem a edição era boa e mal tínhamos acesso aos jornais.

Logo depois, ao longo dos anos 80 e começo dos anos 90, esses jornais foram microfilmados. O microfilme já é um meio de reprodução desses periódicos, mas não é um meio eletrônico de busca; faz-se uma leitura mecânica. Para todos que participaram da edição das crônicas completas da editora da Unicamp, no início dos anos 2000, só existia o microfilme. Então, para encontrar uma informação, líamos o jornal de forma mecânica, quer dizer, ler da primeira à última palavra dos periódicos.

O que aconteceu desde então foi que, primeiro, se criaram mecanismos de busca na internet, como o Google, por exemplo, mais eficientes. Na verdade, quando começamos a trabalhar, os mecanismos de busca de informações na internet

começaram a se aperfeiçoar. Gledson e eu começamos a trabalhar nessa edição em 2002 e os primeiros livros saíram em 2008. Imediatamente, houve um processo de que todas as bibliotecas do mundo começaram a digitalizar seus acervos de modo que, lá para 2016, nossa Biblioteca Nacional também já tinha transformado esses microfiches em imagens, recursos digitais como temos hoje na Hemeroteca. Ou seja, não existe deslocamento do pesquisador e existe um mecanismo de busca textual dentro desse conjunto de periódicos digitalizados. Facilitou enormemente o trabalho do pesquisador e acho que, além, claro, das crônicas de Machado sempre serem interessantes por si, essa acessibilidade ao material causou esse grande fenômeno de interesse por elas.

TB — Com este grande acesso e as facilidades de busca têm visto bons resultados de pesquisas sobre as crônicas?

Lúcia Granja — Tem saído muita coisa sim. Posso dar o exemplo do livro da professora Silvia Azevedo. Ela fez uma pesquisa notável em que reuniu toda crítica de Machado, publicado pela editora da UNESP; agora, ela até fez um processo de identificação de autoria das crônicas “Badaladas” da *Ilustração Brasileira*. Com certeza, isso só é possível graças à Hemeroteca, mas também tem saído teses boas de alunos.

Também posso falar do meu próprio trabalho, plasticamente a página do jornal. Esse acesso à Hemeroteca foi fundamental para ver de que maneira e em que lugar da página do jornal se localiza o texto de Machado, quais textos são vizinhos a esse texto e que diálogos estabelece com outros jornais, o que me levou a hipóteses sobre a ocupação plástica do espaço e seus efeitos de leitura. Os pesquisadores experientes se valeram muito da Hemeroteca e os jovens pesquisadores também. Tenho participado de muitas bancas que têm trazido muitos resultados interessantes de pesquisa.

TB — Em seu livro: *Machado de Assis - Antes do livro, o jornal*, você informa: “Como mostram os escritos para o jornal *O Cruzeiro*, na virada dos anos 1870 para 1880, o “feio” passou a integrar esteticamente a ficção de Machado de Assis, muitas vezes por meio de um ponto de vista narrativo que observava quase cruamente a naturalização do sadismo nas relações de poder...” como você desenvolveu e começou a se interessar sobre este, digamos, “feio” na ficção de Machado?

Lúcia Granja — Foi o próprio Machado quem me levou a isso. Eu comecei a observar que Machado de Assis, tanto nessas crônicas do jornal *O Cruzeiro* quanto na série anterior na “História dos Quinze Dias” e na “História dos Trinta Dias”, se preocupa com a falta do gosto estético da população. Para mimetizar essa falta de gosto estético, ele mesmo começa a falar do que não seria o belo ou do que seria o feio. O espetáculo de horror das touradas, todos aqueles casos de pessoas com deficiências exibidas como se fossem atrações, ou, ainda, os grandes feitos, com um homem que respira debaixo d’água. Tudo isso mostra que Machado fica muito em dúvida sobre o gosto dos espetáculos.

Ao comentar o que seria para ele uma deterioração do gosto, ele mesmo diz isso na série da semana: “Qualquer dia, ver uma tourada ou esculpir o Moisés

de Michelangelo será a mesma coisa”. Então, ele fala dessa deterioração do gosto, dessa transformação do público e que é levado a assistir um determinado tipo de espetáculo que parece muito avesso ao que ele considera estético. Coincide também com as críticas que ele faz ao *Primo Basílio*, não ao *Primo Basílio* em si, ao talento do Eça de Queiroz, mas à escola que ele chama de realista nessa mesma época. Em outras palavras, é o excesso, a extravagância, a explicitude demasiada. Foi o próprio machado que me levou [a esse feio].

TB — Você acabou de mencionar sobre o posicionamento crítico de Machado sobre a obra *Primo Basílio*, de Eça de Queiroz. Já em contraste com esse posicionamento, Machado admitia sua admiração por Alencar em diversos escritos. O que acha que ele agregou desse escritor?

Lúcia Granja — Eu não tenho certeza de que Machado admirava as concepções do homem Alencar. Ele admirava, com certeza, o artista, o prosador ficcionista Alencar.

Para falar algo de instigante em relação à questão, acho que a prosa ficcional de José de Alencar se modificou muito em um curto espaço de tempo, em 20 anos. Se pensarmos que ele começa com *5 minutos*, *A Viuvinha*, daí tem o grande sucesso *O Guarani* até o paradigma da maior maturidade a qual ele chegou em *Senhora*, a prosa dele se modificou muito ao longo de 20 anos.

Então, o que acho que seria uma coisa interessante explorar é quanto Alencar dos últimos anos é próximo ao Machado daqueles primeiros romances, mais próximo do que supõe, por exemplo, o trabalho de Roberto Schwarz. É isso o que eu tento mostrar no artigo “Ideias no lugar: Senhora, de José de Alencar”. As ideias estão fora do lugar, mas Alencar está falando de uma sociedade em profunda e rápida transformação nesse meado dos anos 1870. Talvez essa sociedade da qual Machado fala nos primeiros romances, que seja uma sociedade mais engessada, já tenha se transformado profundamente e isso é uma sutileza que permite aproximar Machado de Alencar. Já o que Machado pensava sobre algumas ideias do homem José de Alencar ele nunca nos deixou saber.

TB — Sobre outro livro que você fez a edição em parceria com John Gledson, *Notas Semanais*, é bastante minucioso. Por meio dele observa-se o quanto Machado de Assis era atento ao próprio tempo. A ideia das notas era demonstrar isto sobre o escritor ou havia um intuito mais específico?

Lúcia Granja: Foi Gledson quem começou esse trabalho de fazer as notas nos anos 80. A intenção é tornar as crônicas legíveis para o leitor de hoje em dia, porque a crônica tem uma forte referência na semana em que foi escrita, nos acontecimentos políticos, sociais e culturais exatamente contemporâneos à crônica.

Muitos desses acontecimentos não são recuperáveis hoje em dia, pela simples leitura do texto. Se não for ao jornal ou até a outro tipo de bibliografia informativa sobre a época, não se entende o que Machado de Assis está dizendo porque o texto tem um fundo formal. Quando olhamos a crônica, enxergamos a ironia de Machado, o experimentalismo narrativo - características que se enxerga no grande ficcionista -, mas não conseguimos compreender profundamente todos os assuntos dos quais ele está falando. Se não compreendemos, perdemos em ironia,

perdemos em procedimento literário. A ideia é exatamente essa de todas as edições que se fazem das crônicas.

TB —Atualmente você tem trabalhado com a pesquisa sobre a história do livro e edição no Brasil em relação com a França, em especial com os editores Garnier. Machado era um frequentador assíduo desta livraria, então teremos novidades?

Lúcia Granja — Temos muitas novidades. Estou escrevendo um livro sobre Machado de Assis e os editores Garnier, que são os principais editores de Machado de Assis. Machado tem relação com, pelo menos, três editores Garnier em diferentes fases da livraria Garnier.